

O desfecho da tragédia

Há mais de 20 anos, o caso Suzane von Richthofen parava o país. A menina que matou os pais: a confissão chega ao Prime Video e relembra os momentos de tensão pós-crime

Fotos: Adriano Vizoni/Prime Video



Carla Diaz dá vida à Suzane von Richthofen em *A menina que matou os pais: A confissão*

POR ISABELA BERROGAIN

Tragédias acontecem todos os dias. No entanto, algumas chegam a chocar tanto que se tornam inesquecíveis, eternizando-se no imaginário brasileiro. Nos últimos anos, poucos casos foram tão repercutidos quanto o de Suzane von Richthofen. Em 2002, a jovem de então 19 anos se declarou culpada, ao lado do namorado Daniel Cravinhos, pelo assassinato dos pais, Manfred e Marísia von Richthofen. Hoje, mais de duas décadas depois da brutalidade, a história continua sendo de amplo interesse nacional — estrelado por Carla Diaz, o último filme da trilogia, *A menina que matou os pais: a confissão*, chega ao Prime Video.

A sequência foi baseada no livro *Casos de família — Arquivos Richthofen*, da criminóloga Ilana Casoy. Na obra, a autora reúne ima-

gens, relatos e registros inéditos feitos sobre o caso. “Quando nós criamos estereótipos, e eles são quebrados, isso causa uma comoção. Esse crime quebra todos os nossos estereótipos”, avalia Ilana, em relação à magnitude do crime. “Suzane era uma menina rica, branca, loira, estudante da PUC e moradora de Campo Belo. Quando vemos casos assim, nós queremos entender o que aconteceu, porque tendemos a acreditar que o criminoso é feio, pobre, preto”, completa.

“Na mesma semana do caso da Suzane, houve outro crime parecido que ninguém foi atrás, porque era em uma zona mais pobre, em uma periferia, mas era um crime da mesma natureza”, exemplifica Ilana. Além das condições sociais e financeiras que contribuíram na repercussão do caso, a criminóloga aponta outro fator central: o parentesco entre os envolvidos. “É um crime que ultrapassa o

sagrado, não só a linha da lei. É uma menina que mata pai e mãe. Quando isso acontece em família, tudo torna-se mais grave e mais chocante.”

Em 2021, a trilogia foi iniciada com o lançamento de dois longas que contam a história sob as perspectivas de Suzane e de Daniel, respectivamente, narradas à polícia. Agora, com o lançamento, o público poderá acompanhar a história segundo a linha investigativa do caso. “Quando fomos convidados para fazer esse terceiro filme, nós pensamos muito em o que teria de novo para contar e, para nossa surpresa, nós encontramos muitas coisas”, relata o roteirista Raphael Montes. “As pessoas perguntam se essa é a versão da polícia. Essa é a versão da história como aconteceu. É a história dos oito dias entre a morte e a confissão da Suzane e do Daniel”, explica o diretor Maurício Eça.